



SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

Director literario:
António
PAPIM

O SECULO

Director artistico:
Adriano
PAPUSSE



**CORAGEM
recompensada**

Por Maria Branco
- Desenhos de Tiotónio -



RA uma vez um rapazola desembaraçado e esperto que foi oferecer os seus serviços, a certo avarento em cuja casa jámais parava criado algum.

Ora a primeira pergunta que cautelosamente este fez a Antonio, era se sabia ler. Avisado por seus pais, negou a verdade ao patrão e elle mandou-lhe varrer o quarto, dismantelado e sujo abandonando-lhe três grossos volumes.

Mal se viu sósinho, correu Antonio a rebuscar nos alfarrábios o mistério que envolvia o seu novo amo.

Continham toda a espécie de bruxaria e Antonio com-

preendeu que o avarento era igualmente um temível feiticeiro.

Tão apavorado ficou o criadito, que nem sentiu a presença do patrão. Vendo-se logrado, obrigou o mentiroso a montar certo fogoso corcel que ali apparecera de repente.

Largando em correria doida, atrevessou campinas e valados e sobre a sela, António, encolhidinho de medo, fechava os olhos para não cair.

Súbito sentiu-se arremessado ao chão, transformando-se em canário.

Cego de espanto nada viu, até que reconheceu estar aprisionado.

Lamentando-se cantava tão maviosamente que atraíra a atenção da linda princezinha que, a um canto, bordava a bastidor.

(Continua na 4.ª página)



A REVOLTA DOS RATOS

(No tempo que os animais falavam)

Por JOSÉ FRANCISCO PARREIRA

Desenhos de TIO TÓNIO



ATARA... tátarárá...

—A's armas!... às armaaa-aaaaaaas!...

—Depressa, formem rápido, que o nosso capitão já vem perto.—Estas palavras eram pronunciadas pela sentinela que fazia o seu quarto, em volta do 34.º Batalhão de Metralhadoras Levíssimas, um ratinho pequeno, trazendo ao ombro uma pesada «espingarda», (que era, nem mais nem menos, que um

palito que o sr. Antonio, depois de se servir, atirára para o barracão, onde era agora o quartel general do dito batalhão). O capitão, um ratinho maior, envergando uma linda farda, ao transpôr a porta, disse pata a sentinela:

—Deixa o teu pósto e toca a reunir.

Passada meia hora, todos reunidos no grande salão, es-

peravam, ansiosos, as novidades que o capitão lhes ia partilhar.

O capitão, erguendo a voz, disse:

—Meus soldados! O país vizinho, acaba de nos declarar guerra...

—O quê??! perguntou a sentinela, então meu capi... pi... pi... pi...ção... que...rra??...

E, num profundo soluço,

—Ai... ai... ai... já morri!

E caiu para trás, com um chelique,

O capitão, então, encolerisando-se, disse:

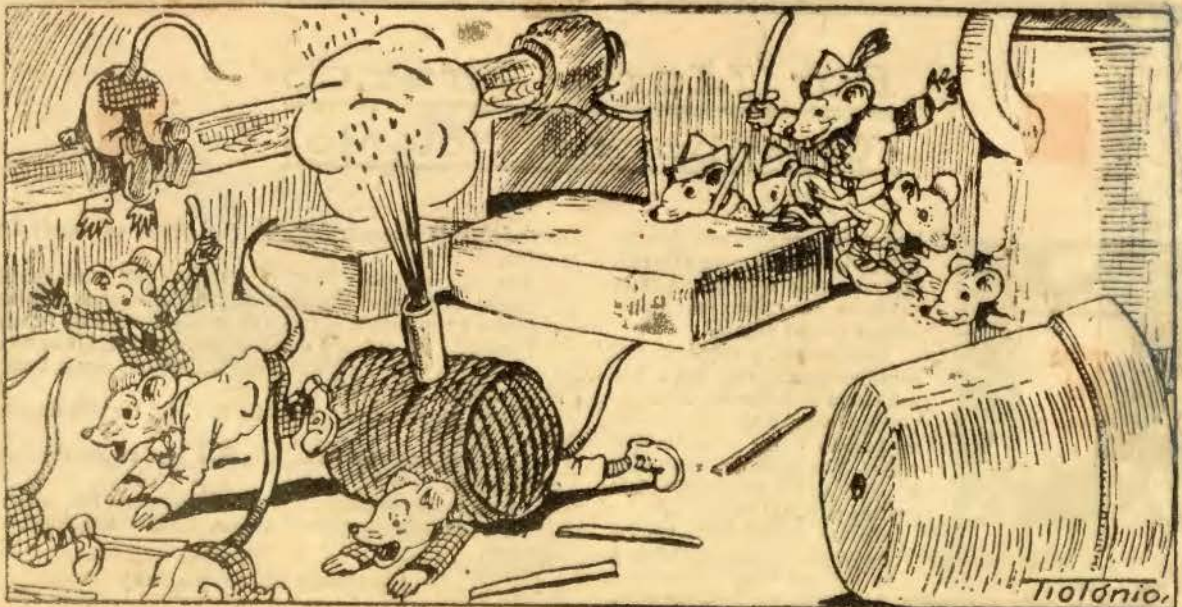
—Todo aquele que não me quizer acompanhar, levante o braço.

Fez-se um profundo silêncio, apenas quebrado por este diálogo:

—O' Manuel... Manuel... que dizes? levanto o braço?

—preguntou um ratinho.

—Está calado, grande bruto. Também és medroso como a sentinela,—retorquiu o outro.



Tio Tónio

—E'... é... que... eu, não.. tenho medo... o que... o que... tenho... é um pou... pouquinho de susto...
 —Quando se vai para a guerra, deixa-se o medo no quartel.
 O capitão, vendo que nenhum dos seus soldados levantara o braço, continuou:—
 —Se a vitória for nossa, sereis todos condecorados!
 Uma enorme algazarra de guinchos acolheu estas palavras.
 —Viva o nosso general!! gritavam todos.
 Este, impondo silêncio, disse:
 —Preparai-vos então. Ao amanhecer sairemos.

...E o outro dia surgiu.
 As picaretas e pás (já se sabe, as pás eram os dentes dos pobres soldados e as picaretas as pernas), trabalhavam já na abertura das trincheiras. O capitão, chamando um soldado, (a sentinela que no dia anterior estava de guarda), disse-lhe:
 —Tu, «Lambe-rebuçados», vais rapidamente ao país visinho (o país visinho ficava no fundo do barracão), entregar esta mensagem.
 —Mas... ó meu capi...tão, eles não me...me... matam?!

—O que te disseram?—preguntou ansiosamente o capitão.
 —Disseram-me que a guerra pode começar.
 O capitão, então, dirigindo-se para os soldados, bradou:
 —Todos para os seus postos.
 E a guerra começou. O inimigo principiou investindo furiosamente. Mas os nossos valentes soldados não desanimavam. Em dado momento o capitão, disse:
 —Lancem agora os obuzes. E o primeiro obuz (que era nem mais nem menos que uma bomba destas que se atiram por o S. João, e que os ratitos tinham roubado do quarto do sr. Antonio), espalhou o terror nas linhas inimigas.
 Mas, o imprevisto ia dar-se. De repente, a «Ramboia» e o «Patusco», dois gatarrões do sr. Antonio, saltaram-lhe em cima.
 O terror pairou, então, sobre todas as cabeças.
 O «Patusco» saltou em cima dos nossos valentes soldaditos, enquanto «Ramboia», se contentava, destruindo o inimigo.
 O «Lambe-rebuçados», encostado a um cantinho, gemia:
 —Ai meu Deus!... Salvai-me desta metralhadora!...
 —Ai tu, ainda cantas?—preguntou o «Patusco».—Então toma lá.
 E deu-lhe uma dentada.
 Os olhitos do pobre rato, toldaram-se, e, já na agonia da morte, balbuciava ainda:
 —Meu Deus!... Salvai-me desta metralhadora!

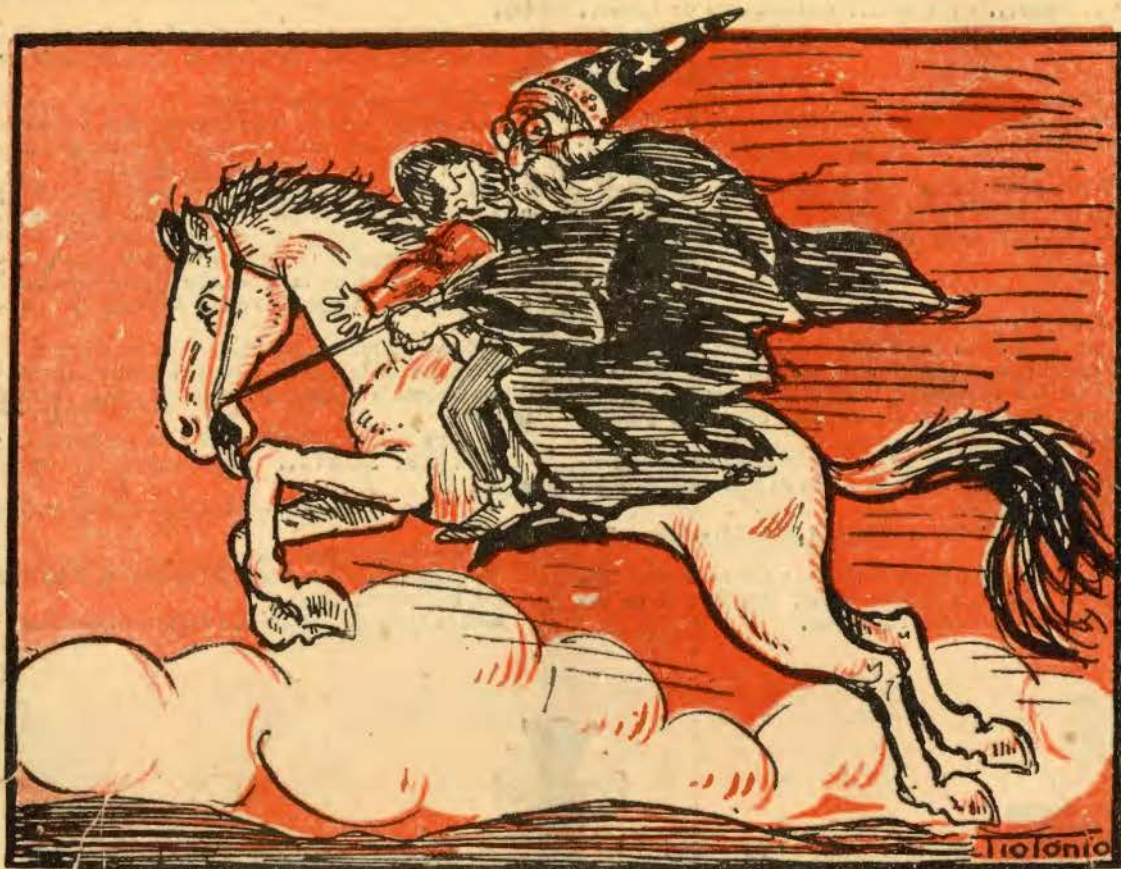


A DIVINHA

Dá-se um doce a quem encontrar o policia de que este gatuno vai fugindo.

A solução vem no próximo número,

Tiolónio



Coragem recompensada

(Continuado da 1.^a pagina.)

Agarrou na gaiola, contemplando delicadamente a bela avezinha.

— «Pobre passarito loíral Serias o meu companheiro de infortunio mas o teu cantar comoveu-me. Basta que eu seja a enclausurada».

Já mais as portas d'este castelo se descerrarão. A' minha volta permanecem ferozes guardas, que me gelam o sangue de pavor. Desta gelosia, avisto, ao longe as barbacãs da minha prisão onde morrerei sem ouvir uma carícia nem sentir o calor dum carinho. Foge».

E, collocando o canário em seus dedinhos delgados e brancos, ofereceu-lhe a sempre bendita liberdade.

O canário voou sem rumo. Esfomeado baixou á terra, acercando-se de certo formigueiro que por ali andava.

Ia a debicar um dos insectos, quando ouviu murmurar :
— «Não me comas, pois prometo valer-te em qualquer afflictão».

Anoi'cia.

Sob um frondoso castanheiro, nos ninhos, as avezinhas pipiavam. O canário acêrcou-se daquelas ramarias.

Um casal de cotovias palrava ainda.

— «Não viste como a princesa chorava, esta tarde? Os guardas martirisam a pobre Isabelinha» cantarolava a fêmea.

— «Se por acaso um jôvem destemido conseguisse possuir o ovo da águia que o javali tem dentro do peito! Mas para tal, havia de se sujeitar a pastorear os gados do lavrador Anastácio e poder matar a fêra», — respondeu-lhe o macho, escondendo a cabecita sob a asa, preparando-se a dormir.

Entretanto, o céu era um manto de estrelas e o canário esperou ansioso pelo raia da aurora. Ainda brilhavam alguns astros nocturnos, já o nosso canário procurava defrontar-se novamente com a sua formiga protectora. Efectiva-

mente, deparou-a acarretando para o celeiro uma palhinha de feno, doirada e cheirosa a trêvo.

— «Consegue que alcance realizar o meu pensamento» implorou-lhe, Antonio.

Logo o nosso Antonio agradeceu á sua boa estrela, encaminhando-se para a herdade do senhor Anastácio.

Chegado ali, pediu para falar ao patrão, e mal lhe expoz os seus planos de liquidar o terrível javali, o senhor Anastácio, prometeu-lhe imensas recompensas.

Na manhã seguinte, acompanhou Antonio ás pastagens, as manadas de éguas e vacas, assustadas e timidas.

Ao longe, a heriazinha teura e perfumada parecia ataptar de veludo a extensa varzea.

Entretanto, feroz e violento, o javali rugia impaciente, esperando os animais.

Não foi sem susto que António bradou:

— «Formiguinha
Amiguinha,
Acode aqui
Torna-me em leão
Valentão
P'ra matar o javali»

Como por encanto, um belo leão de juba altiva atacou o javali.

Eram tais os uivos que, simultaneamente, soltavam, que na herdade a bicharada anichava-se, afflicta, pelos campos. Aconchegadas em monte, as manadas tremiam de comoção.

O sr. Anastácio, acompanhado duma poderosa carabina, desceu ás pastagens.

A luta continuava sem tréguas nem descanso.

—Quem me dera a mim
Umhas boas bolotas de porco monteiro
Que eu te diria a ti
Meu leão guerreiro.—

E no ar, vibravam altivas as implorações do javali.

—Quem me dera a mim
Umhas boas sópas de vinho
Que eu te diria a ti
Meu porco de espinho»

Não quíz ouvir mais, o fazendeiro. Correu à quinta e o maioral trouxe um grande alguidar a trasbordar, do que o leão pedira.

Engulindo-as dum trago, o leão tombou sôbre o javali derrubando-o. Instantaneamente alcançou a sua forma humana e, com a faca do mato, abriu o porco-espinho. Ao lado do coração encontrou o ovo ambicionado e António abraçado jovialmente pelo fazendeiro, retomou a direcção do castelo.

As portas de ferro, estavam escancaradas de par em par, Lá de dentro chegavam as lindas melodias dos alaúdes. A princezinha sobre um trono de prata, sorria alegremente ás suas damas de honor.

Antonio estacara atônito.

Isabela veio junto dêle, dizendo-lhe docemente.

—Foste tu que me libertaste dos meus tiranos.

Bem hajas pela tua coragem. Ao mesmo tempo que te poderavas do ovo mágico todas as minhas flores se transformaram nestas lindas donzelas, todos os sabres que atulhavam as salas de armas se metamorfosearam em altivos cavaleiros, que correram em meu socorro, matando os meus carcereiros. Dando-te a liberdade enquanto eras bela àvezinha cantadeira, mal pensava que em breve me oferecerias, a maior felicidade que ambicionava.

E's bom e generoso. Serás o meu esposo e futuro Rei».

António ajoelhou reverente.

Os seus trajos de pastor, haviam desaparecido, dando lugar a uma armadura scintilante de cavaleiro-medieval.

No dia imediato a Princeza casava com António e foram muito felizes, não olvidando nunca os pobrezinhos e desamparados do seu Reino.

■ F I M ■





Romance

— de —

EL-REI MEUDO

:::Por JOSÉ RAMOS:::

Desenho de TIO TÓNIO

No país todo doirado,
do Biombo de Veludo,
tem o seu reino encantado
este rei tão ignorado:
Sua Alteza El-rei Miudo.

E' a muralha da China,
aquele biombo pequeno,
que esconde o rei que domina
a nação mais pequenina
dum mundo estranho e sereno,

São seus vassallos fieis,
príncipes todos de renda,
com cabeleira em aneis.
—E tomaram muitos reis
ter um reino assim de lenda...

Palhaços todos vestidos
com fulgôres de diamante,
falam muito convencidos.
São os bôbos divertidos
desta Corte deslumbrante.

Guerreiros de papelão,
e lacaios de flanela,
seguem como em procissão
a Duquesa do Japão
em trapo e sêda amarela,

Sentado num realejo
o gentil pagem Manecas
parece ter o desejo
de roubar talvez um beijo
à mais linda das bonecas!

Senhores de alta linhagem
com fabulosas riquezas,
numa torre de menagem,
toda feita em cartonagem
namoram loiras princesas.

Como El-rei Miudo tem
de caçador grande fama,
possui no reino também
cães de raça mais de cem
—todos de algodão em rama.

Vivia feliz, contente,
no seu reino de quimera
este rei tão inocente,
que até causa inveja à gente:
—ser rei assim quem nos dera!

Mas um dia o deus Destino
quiz que êle fosse viajar
num cavalo pequenino,
disfarçado em peregrino
à Varanda do Andar!

Numa janela vizinha
viu El-rei uma donzela
remendada e pôbresinha;
tinha um ar de pastorinha,
mas se era pobre, era bela!

El-rei ficou tão pasmado
só de ver aquela cara
que esqueceu o seu reinado,
...E sentiu-se apaixonado
ante beleza tão rara...

Ela sorriu com tristeza
e corou de envergonhada,
por ver que tanta pobreza
não merecia com certeza
uma atenção delicada...

El-rei, porém, começou
uma declaração muda
—e o seu reino lhe ofertou.
.....
A pastorinha ficou
sendo a Rainha Miuda...

F I M



Desenho Infantil -

POR TIOTÓNIO

TOMAMOS uma folha de papel branco (almoço sem linhas) preguemo-la ao cartão com 4 alfinetes e, com o lapis bemafiado, vamos dar inicio aos exercicios de desenho.

As explicações vão expostas numa linguagem o mais simples possivel, para poderem ser compreendidas por todos. Pouco tempo é preciso para praticar estes exercicios.

Para maior facilidade na execução, deve a luz vir dos lados do modêlo e não de frente ou de trás.

Este, deve estar na sua posição normal, um pouco abaixo dos olhos do desenhador e não muito afastado.

1.º MODELO — Uma lata de cacau ou qualquer objecto cilindrico, cuja forma se lhe assemelhe

Antes de fazer qualquer traço, observem-se as principais particularidades a saber:

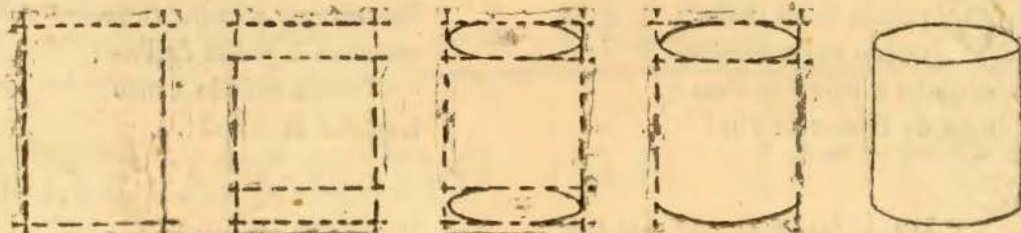
Não se deve espreitar para qualquer dos lados, para apresentar mais detalhes do modelo, que só se apresentam em parte. A vista incide bem de frente e só deve interpretar o que na realidade se lhe apresenta.

Depois de fazerem o modelo na posição mais simples (de pé), tentarão fazê-lo deitado, com a abertura voltada para a frente.

Em virtude da perspectiva, de que mais tarde falaremos, a parte anterior, apesar de ter o mesmo diametro, apresenta-se um pouco mais pequena e tanto mais pequena se apresentará quanto mais afastada estiver dos nossos olhos.

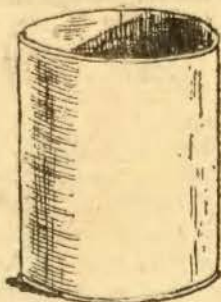
Considerando como importante este pormenor, desenhe-se o modelo seguindo a ordem de observações já apresentadas. Depois em outra posição e tantas quanto fôr possivel.

Repetem-se os desenhos muitas vezes, não se copiando



- 1.º — O feitiço;
- 2.º — As proporções e a maneira como se apresenta, em relação a nós.
- 3.º — Os traços principais;
- 4.º — As sombras e cor (se o querem colorir).

Depois de feitas as duas primeiras observações, comecemos a desenhar fazendo com o lapis um esboço rapido dos contornos e principais linhas, como a gravura indica.



Definem-se melhor os contornos fechando um pouco os olhos.

De uma maneira geral, apresenta o aspecto de um rectangulo—traça-se esse rectangulo no papel.

A altura é duas vezes maior que a largura, proporção esta que deve ser o mais rigorosamente possivel observada no esboço.

Em seguida verificou-se que o bordo superior tem a forma de um oval (elipse), tanto mais alongada, quanto mais alto está o modelo.

os já feitos anteriormente, até que se possam fazer com toda a correcção.

Estou certo de que até ao próximo número já saberão representar, seja qual fôr a idade ou aptidões, este modelo elementar e que não encontrarão a mínima dificuldade nos que se vão seguir.

Aguardo as vossas noticias e estou ao vosso dispôr para os aconselhar e elucidar em qualquer dúvida.

Rua do Seculo, 43

TIOTÓNIO

CORRESPONDENCIA



Armando Costa. — O desinfectante deita-se na altura em que se faz a fusão dos productos ao lume.

O número de gótas é indeterminado dependendo da quantidade da massa.

Antonio Ribeiro. — Já respondi.

Ruy Almeida. — Idem.

Jorge Franco Martins. — Como deve ter visto já, a fórmula que apresentou era exacta. Não respondo particularmente.

Luiz Moreira Pinto. — Só agora posso responder. Não se encontra no mercado senão tinta de copiãografo em lilaz e raramente em preto ou azul por serem as mais empregadas.

José Francisco Parreira. — Estás satisfeito? É só o que tenho teu, que por sinal já estava na altura de se publicar. Um abraço.

Rua do Seculo, 43. — Lisboa.

TIOTÓNIO

Á SAINHA DA MAMÃ

(DE UMA ANECDOTA INGLESA)

Por GRACIETTE BRANCO
:: Desenho de TIONIO ::



O polícia Pinto Quim,
saíndo nessa manhã,
encontra a pobre da Pam
irmã do Pum e do Pim!

—Anh! Anh! Anh! Anh! Anh! Anh! Anh!...
(A Pam perdeu-se da Mãe...)
E o Pinto pergunta à Pam:
—«O que é que a menina tem?»

—Anh! Anh! Anh!—eis grita a Pam,
emquanto o povinho atrás!...
—«Eu perdi-me da Mamã!
Ai, ai, ai, ai, ai, ai, ai!...»

Mas eis que o cívico, então,
murmura à pobre da Pam:
—«Tivesse deitado a mão
à saíinha da Mamã!...»

Decerto se não perdia...»
(o Pinto Quim continúa...)
E o povinho enchendo a rua,
com êle condescendia...

Mas, ante o povo alarmado,
eis diz espantada a Pam:
—«O quê?! Eu ter-me agarrado
à saíinha da Mamã?!...»

E com trágico socêgo,
explica mais duma vez:

.....
;A' saíinha!!! Eu não lhe chego
nem nos biquinhos dos pés!...
.....

F I M